

Nos 45 anos do 25 de Abril (1)

A Revolução dos Cravos na imprensa açoriana



POR JOSÉ ANDRADE *

Vinte e cinco de abril de 1974 era uma normal quinta-feira nos três distritos autónomos do arquipélago dos Açores.

De manhã, em Ponta Delgada, o Correio dos Açores insurgia-se contra o esquecimento das ilhas adjacentes e o jornal Açores relatava a ditadura da metrópole; em Angra do Heroísmo, o Diário Insular informava sobre o governo de Marcelo Caetano e, na Horta, O Telégrafo sonhava com um porto livre de impostos.

Mas, de tarde, já o Diário dos Açores anunciava um “Movimento Militar no Continente”, A União duvidava de um “Golpe Estado em Lisboa?” e o Correio da Horta noticiava “uma subversão cujas principais características são ainda desconhecidas”.

Chegava assim a Revolução dos Cravos à imprensa diária açoriana e a democracia portuguesa à futura Região Autónoma dos Açores.

Os primeiros dias são de ocupação militar das delegações distritais da Direção Geral de Segurança, da Ação Popular Nacional, da Legião Portuguesa, da Mocidade Portuguesa, mas também de destituição dos governadores civis de Ponta Delgada, Angra e Horta.

Os dias seguintes são de organização distrital das novas expressões políticas nacionais, como o Movimento Democrático, o Partido Popular Democrático, o Partido Socialista Português.

Entre as manifestações populares do 1 de maio e do 5 de outubro, a Base das Lajes recebe a cimeira luso-americana dos presidentes Spínola/Nixon, acompanhada pelo ministro Sá Carneiro, e as três capitais de distrito acolhem os comícios socialistas de Mário Soares e Salgado Zenha.

No verão, são empossados os novos governadores de Ponta Delgada (Borges Coutinho), Angra do Heroísmo (Olde-miro Figueiredo) e Horta (Sá Vaz). No outono, Mota Amaral avança com as “Bases do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores”. No inverno, o MAPA assume-se como Movimento para a Autodeterminação do Povo Açoreano.

Os Açores viviam assim a primavera da democracia...



O Diário que trouxe a revolução a S. Miguel

Foram os vespertinos das três cidades açorianas – Diário dos Açores, A União e Correio da Horta – que gravaram nas suas edições do próprio dia o limiar da nova era, com base nas primeiras informações das agências nacionais e das rádios regionais, embora ainda num breve registo de timidez e prudência.

Em Ponta Delgada, o Diário dos Açores imprimia no centro superior da capa da sua edição de 25 de abril de 1974 a informação difundida pelo Rádio Clube de Angra, sob o título “Movimento Militar no Continente”:

“Segundo notícias provenientes de diversas origens, podemos informar que se estabeleceu, às 4 horas de hoje, no continente, um movimento de militares que se intitula “Movimento das Forças Armadas”. Sabe-se que o quartel-general em Lisboa foi cercado pelas tropas e há movimento de militares no Terreiro do Paço e noutras zonas da capital. O Rádio Clube Português foi tomado pelas forças deste movimento, tendo difundido apelos para que a população se mantenha calma. Entretanto, reina calma em todo o território do continente.”

Movimento das Forças Armadas

Na manhã micalense de 26 de abril, o jornal Açores já abria a sua capa com a reprodução integral – sem tratamento, desenvolvimento ou comentário – da “Proclamação do Movimento das Forças Armadas” que o Emissor Regional dos Açores da Emissora Nacional difundiria insistentemente na véspera:

“O “Movimento das Forças Armadas”, que acaba de cumprir com êxito a mais importante das missões cívicas dos últimos anos da nossa História, proclama à

Nação a sua intenção de levar a cabo, até à sua completa realização, um programa de salvação do País e de restituição ao povo português das liberdades cívicas de que vem

